

# A ACTIVIDADE DO ENTALHADOR SEVILHANO MANUEL ROMERO EM TAVIRA (ALGARVE)

## THE LABOR OF THE SEVILLIAN WOODCARVER MANUEL ROMERO IN TAVIRA (ALGARVE)

POR MARCO SOUSA SANTOS  
Universidade do Algarve, Portugal

O principal objectivo deste artigo é apresentar a obra do entalhador Manuel Romero na região do Algarve, os seus antecedentes familiares e profissionais em Sevilha, alguns acontecimentos que antecederam a sua vinda para o extremo sul do território português nas primeiras décadas do século XIX e, em especial, a actividade levada a cabo por este mestre em Tavira.

Palavras-chave: Retábulos, Neoclassicismo, Sevilha, Tavira.

The main purpose of this paper is to present the work of the sevillian woodcarver Manuel Romero in the Algarve, his familiar and artistic background in Seville, some events prior to his coming to the south end of the portuguese territory in the first decades of the nineteenth century and, in particular, the activity developed by this master in Tavira.

Keywords: Altarpieces, Neoclassicism, Seville, Tavira.

### 1. INTRODUÇÃO

A actividade artística desenvolvida pelo mestre entalhador Manuel Romero na região do Algarve foi inicialmente referida por Francisco Lameira, na sua dissertação de Doutoramento em História da Arte Moderna, intitulada *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, obra publicada em 2000. Nesse ensaio, o mencionado entalhador, então denominado como Manuel Romeira, é indicado como o autor dos retábulos colaterais da igreja da Ordem Terceira do Carmo de Tavira, exemplares presumivelmente executados entre 1817 e 1818, segundo o formulário neoclássico, assim como o responsável pela execução da *essa* (plataforma móvel onde se colocavam as urnas durante as cerimónias fúnebres) da mesma igreja, no ano de 1820. Para além disso, era também tido como o provável autor de um terceiro retábulo, colocado no baptistério da igreja de Santa Maria do Castelo, igualmente na cidade de Tavira, que apresentava semelhanças formais com os anteriores<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Francisco LAMEIRA, *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, Faro, 2000, pp. 342 a 344.

Pouco mais se sabia acerca deste entalhador, que então se suponha ser algarvio, e que os livros de despesas da igreja da Ordem Terceira do Carmo identificavam sempre como o mestre Manuel “Romeira”. Não obstante, à partida, Francisco Lameira não deixaria de sublinhar a originalidade dos retábulos neoclássicos da dita igreja, dois exemplares idênticos, respectivamente dedicados a N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> das Angústias (Evangelho) e ao Senhor dos Passos (Epístola), classificando-os mesmo como exemplares únicos dentro do universo artístico da talha neoclássica do Algarve<sup>2</sup>. De facto, a utilização de um tipo de planta ligeiramente côncava, numa época em que predominava a planta recta, o recurso a dois pares de colunas, em vez de apenas um, assentes sobre pedestais, utilizando essas colunas uma tipologia sem paralelo na região algarvia (pelo menos durante a vigência do formulário neoclássico), com o terço inferior diferenciado e decorado com caneluras, ou ainda a invulgar utilização de um fastígio sobre o frontão triangular, ladeado por urnas funerárias, no ático, fazia com que estes retábulos se destacassem, imediatamente, dentro do conjunto de retabulística neoclássica executada no Algarve. Existiam, portanto, indícios que apontavam no sentido de estarmos perante a obra de um artista não algarvio, oriundo de outro centro artístico.

Contudo, a verdadeira identidade do autor dos retábulos colaterais da igreja dos Terceiros carmelitas só seria revelada na sequência da descoberta de um recibo de despesas, manuscrito, datado e assinado pelo próprio. Nesse documento, arrecadado no arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Tavira, e relativo às despesas efectuadas com o concerto do esquife da igreja, podia ler-se, em castelhano: “*Importo la compostura del Esquife [...] Tabira, 5 de Mayo de 1815. Manuel Romero*”<sup>3</sup>. Graças a este apontamento, foi possível determinar a nacionalidade do entalhador Manuel Romero, que até então se imaginava poder ser um artista regional, isto é, de origem algarvia, bem como a correcta grafia do seu apelido, sistematicamente aportuguesado pelas fontes documentais da época. Mais informações acerca do referido indivíduo seriam fornecidas por um assento de casamento, realizado na freguesia de Santa Maria de Tavira, datado de 21 de Junho de 1820, no qual o nubente é identificado como António Maria Thoríbio, “*oficial de entalhador*”, natural da paróquia de São Vicente da cidade de Sevilha, filho de Manuel Romero e de Cirila Serápia da Costa, neto paterno de um outro Manuel Romero e de Maria Rosa, e materno de Francisco da Costa e Felipa de Cáceres, todos da cidade de Sevilha<sup>4</sup>. À luz destas informações, parecia admissível

<sup>2</sup> *Idem, Ibidem*, p. 373.

<sup>3</sup> AOTCT (ARQUIVO DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO DE TAVIRA), *Recibo da quantia gasta com o concerto do esquife*, 1815, Fundo de folhas avulsas. Publ. por Marco Sousa SANTOS, *A igreja da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Tavira (subsídios para a sua interpretação)*, Tese de Licenciatura em Património Cultural apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, 2009, p. 26.

<sup>4</sup> IAN/TT (INSTITUTO DOS ARQUIVOS NACIONAIS / TORRE DO TOMBO), *Livro de registo de casamentos da freguesia de Santa Maria de Tavira (1819-1827)*, fólio 13). Publ. por Marco Sousa SANTOS, “O mestre entalhador Manuel Romero: um artista sevilhano em Tavira no início do século XIX”, *Promontoria*, 7/8, Faro, 2009/2010, p. 284.

afirmar que o mestre entalhador responsável pela execução dos retábulos colaterais da igreja dos Terceiros carmelitas de Tavira nas primeiras décadas de Oitocentos era, na verdade, o mesmo Manuel Romero indicado como pai do oficial de entalhador António Maria Turíbio, e que ambos eram naturais da cidade andaluza de Sevilha, tal como testemunhava o registo de casamento deste último.

## 2. O CÍRCULO FAMILIAR E A FORMAÇÃO ARTÍSTICA

As informações documentais até agora coligidas, relativas à actividade levada a cabo pelo mestre entalhador Manuel Romero na cidade de Sevilha, dão conta de um profissional com alguma notoriedade, pelo menos dentro do panorama artístico local, especialmente competente no que diz respeito à arte do entalhe da madeira, partidário da aplicação do formulário artístico neoclássico e, para além disso, com estreitas ligações familiares, e profissionais, a algumas importantes figuras do meio artístico sevilhano da sua época.

O mestre entalhador Manuel Felipe Romero<sup>5</sup>, ou simplesmente Manuel Romero, terá nascido na década de 50, ou 60, do século XVIII, muito provavelmente na freguesia de San Vicente da cidade de Sevilha, filho de outro Manuel Romero e de Maria Rosa<sup>6</sup> (apesar de não ter sido possível localizar o respectivo assento de baptismo). Tampouco foi possível apurar nada acerca da sua formação. No entanto, sabe-se que, em 1787, na paróquia sevilhana de San Martín, Manuel Romero vai contrair matrimónio com Cirila Serápia de Acosta, filha de Francisco de Acosta *O Velho*, mestre entalhador das obras do Arcebispado, e de Felipa de Cáceres<sup>7</sup>, e, conseqüentemente, neta paterna de Caetano Alberto da Costa, o celebrado mestre português, também entalhador-mor das obras do Arcebispado de Sevilha, com oficina sedeada na capital andaluza a partir da 1ª metade do século XVIII, e de sua mulher, Isabel de Amil<sup>8</sup>.

Tudo indica que, após o supramencionado enlace, Manuel Romero terá fixado residência na paróquia sevilhana de San Vicente, já que o seu filho, António Maria, será mais tarde identificado como natural dessa mesma freguesia<sup>9</sup>. Parece que a família terá vivido numa casa da rua de Los Tiros, da referida paróquia de San Vicente. De facto, em Março de 1787, Manuel Romero, então identificado como oficial de entalhador, e morador nessa mesma rua, vai intervir numa escritura de arrendamento, na qualidade

<sup>5</sup> Alfonso Pleguezuelo HERNÁNDEZ, *Un retrato familiar de los Acosta en su segunda fase sevillana*, in Laboratorio de Arte, n.º 7, Sevilha, 1994, p. 142.

<sup>6</sup> IAN/TT, *Livro de registo de casamentos da freguesia de Santa Maria de Tavira (1819-1827)*, fôlio 13). Publ. por Marco Sousa SANTOS, *op. cit.*, 2009, p. 27 (texto policopiado).

<sup>7</sup> Alfonso Pleguezuelo HERNÁNDEZ, *op. cit.*, 1994, pp. 141 e 142.

<sup>8</sup> A respeito da vida e obra de Caetano da Costa, veja-se: Alfonso Pleguezuelo HERNÁNDEZ, *Cayetano de Acosta (1710-1778)*, Sevilha, 2007; Francisco LAMEIRA e Sílvia FERREIRA, *Os antecedentes artísticos de Caetano da Costa: A fase lisboeta*, in Laboratorio de Arte 20, Sevilha, 2007.

<sup>9</sup> IAN/TT, *Livro de registo de casamentos da freguesia de Santa Maria de Tavira (1819-1827)*, fôlio 13. Publ. por Marco Sousa SANTOS, *op. cit.*, 2009, p. 27 (texto policopiado).

de fiador do mestre Francisco de Acosta, morador na rua da Cañaverería<sup>10</sup>. É nessa mesma rua de Los Tiros que, em Outubro de 1793, o entalhador Manuel Romero vai arrendar, por um período de dois anos, umas casas de morada que eram propriedade do Hospital da Misericórdia<sup>11</sup>.

Como já foi referido, nada se sabe a respeito da formação artística de Manuel Romero. Todavia, o mais provável é que tenha iniciado a sua carreira, na qualidade de aprendiz, numa das várias oficinas de entalhe estabelecidas na capital andaluz, e que aí tenha aprendido os fundamentos da sua arte, trabalhando sob a orientação de um mestre mais experimentado.

Apesar de, objectivamente, não ser possível apontar o nome do responsável pela instrução do jovem Romero, nem tampouco a oficina onde terá iniciado a sua carreira, é admissível pensar que, em alguma fase da sua formação, este possa ter colaborado com a oficina de entalhe da família Acosta, eventualmente ainda sob o comando do mestre Caetano de Acosta ou, o que parece mais exequível em termos cronológicos, já sob a direcção do seu filho Francisco de Acosta, que assume a direcção da oficina familiar após a morte do pai, ocorrida em 1778<sup>12</sup>. De facto, o subsequente casamento de Manuel Romero com Cirila Serápia de Acosta parece sugerir a existência de algum tipo de relação entre o artista e os entalhadores de apelido Acosta, eventualmente de natureza profissional.

Por último, não será de descartar a hipótese de Manuel Romero ter recebido uma formação académica, mais tarde complementada com a componente prática, levada a cabo numa das oficinas pertencentes ao seu círculo familiar, à semelhança do que terá acontecido com Francisco António de Acosta, também filho de Caetano de Acosta, e tio paterno de Cirila Serápia, apenas alguns anos mais novo que o seu irmão homónimo, e que, segundo apurou Alfonso Pleguezuelo Hernández, terá estudado na Escola das Três Nobres Artes, onde se terá matriculado nas disciplinas de Pintura e Arquitectura, logo em 1775, e novamente na disciplina de Arquitectura alguns anos mais tarde, em 1783<sup>13</sup>.

### 3. A ETAPA SEVILHANA

A actividade artística desenvolvida pelo mestre Manuel Romero terá tido início no decorrer do último quartel do século XVIII, ainda que a mais antiga obra que se lhe pode atribuir, com relativa segurança, seja a execução do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de São Bartolomeu de Sevilha, empreitada que assume em 1795, já em parceria com o mestre Francisco de Acosta<sup>14</sup>.

<sup>10</sup> Jesus Palomero PARAMO e Francisco Ros GONZÁLEZ (prólogo e direcção), *Noticias de Escultura (1781-1800)*, Sevilha, 1999, p. 665.

<sup>11</sup> *Idem, Ibidem*, p. 666.

<sup>12</sup> Cf. Alfonso Pleguezuelo HERNÁNDEZ, *op. cit.*, 1994, pp. 138 a 143.

<sup>13</sup> *Idem, Ibidem*, p. 143.

<sup>14</sup> Jesus Palomero PARAMO e Francisco Ros GONZÁLEZ (prólogo e direcção), *op. cit.*, 1999, pp. 666 a 668.

É precisamente durante este período, isto é, ao longo do derradeiro quartel de Setecentos, que o formulário neoclássico se vai afirmar no panorama artístico espanhol, enfrentando, ainda assim, a oposição dos círculos mais conservadores, que teimam em permanecer indiferentes aos novos princípios estéticos. Efectivamente, a conjuntura só começa a alterar-se quando, em 1777, perante a incómoda sobrevivência dos antigos modelos barrocos dentro do universo artístico espanhol, e a vontade de algumas classes mais ilustradas em fazer aplicar o moderno formulário classicista, utilizado em França e em Itália, os membros da Real Academia de Belas Artes de São Fernando, pedem ao rei Carlos III (1759-1788) que ponha fim aos “abusos” estéticos praticados um pouco por todo o país, propondo como solução a censura prévia, e a eventual correcção, por parte dos professores da Academia, de todos os “*projectos de importância*”. No campo da retabulística, e particularmente no que diz respeito aos materiais a utilizar na execução dos retábulos, os académicos madrilenos vão ainda mais longe, recomendando, para além da aplicação dos princípios estéticos neoclássicos, a substituição da madeira entalhada e dourada por materiais pétreos com aplicações de bronze, por serem, estes últimos, materiais mais nobres, duradouros, asseados, estarem isentos dos perigos decorrentes de incêndios e, para além disso, dispensarem o oneroso processo de douramento, muitas vezes responsável pelo aumento exponencial do custo total deste tipo de obras.<sup>15</sup>

Como é natural, e compreensível, o contexto artístico que se vivia em Espanha, durante este período, terá sido absolutamente fundamental para a adesão de Manuel Romero aos princípios estéticos do neoclassicismo. Também a convivência próxima com outros artistas reconhecidamente adeptos da utilização do formulário neoclássico, nomeadamente com o seu cunhado João Baptista Patrone, escultor de origem genovesa, casado com Maria dos Anjos Acosta (irmã de Cirila Serápia Acosta)<sup>16</sup> terá influenciado decisivamente o percurso artístico de Manuel Romero, e especialmente a sua afirmação enquanto artista neoclássico.

O conjunto de obras actualmente atribuíveis a Manuel Romero inicia, conforme anteriormente enunciado, com a obra de execução do retábulo da capela-mor da igreja de São Bartolomeu de Sevilha, um exemplar em madeira pintada e marmoreada, com planta ligeiramente convexa, apresentando dois pares de colunas, com o terço inferior diferenciado, e decorado com caneluras, assentes sobre pedestais, e fastígio rectangular, ladeado por urnas funerárias, no ático, obra adjudicada através de ajuste notarial celebrado entre o dito mestre e o pároco da referida matriz, datado de 30 de Junho de 1795.

Em 1797, por escritura notarial datada de 30 de Janeiro, Manuel Romero, então identificado como “*professor de arquitecto e adornista*” compromete-se a construir uma urna para a Irmandade de Nuestra Señora de Regla, sita na igreja de Santa Luzia de Sevilha, devendo a dita urna ser executada em madeira da Flandres, e ornada de tarjas

---

<sup>15</sup> Francisco S. Ros GONZÁLEZ, *La polémica sobre los retablos de estuco en Sevilla en finales del siglo XVIII*, Laboratorio de Arte, n.º 14, 2001, pp. 110 e 111.

<sup>16</sup> Alfonso Pleguezuelo HERNÁNDEZ, *op. cit.*, 1994, pp. 142 a 144.

decoradas com símbolos da *Paixão*, e um total de dezasseis anjos à volta, conforme fica estipulado no respectivo ajuste<sup>17</sup>.

Na última década do século XVIII, Manuel Romero vai ser um dos mestres entalhadores envolvidos na “*polémica*” sobre os retábulos de estuque, que envolveu a construção de um novo retábulo para a capela-mor da igreja de São João Baptista da paróquia de Las Cabezas de San Juan. Nessa ocasião, estando em causa a adjudicação da obra, o mestre Manuel Romero foi um dos que se mostrou contrários à execução de um retábulo em estuque, proposta defendida por José Gabriel González, identificado como professor da arte da arquitectura e prático em toda a classe de obras de estuque. Alegava Romero, para obstar à realização de um retábulo em estuque, a suposta falta de capacidade técnica de González, a carga excessiva que dita obra exerceria sobre as paredes do centenário edifício, o facto de parte da estrutura ter de ser necessariamente construída em madeira, e o inconveniente geral que resultaria da substituição da secular arte do entalhe da madeira pela inferior arte do estuque. No âmbito desta polémica, chega mesmo a ser levantada a desconfortável questão de Manuel Romero ser cunhado de Francisco de Acosta, mestre responsável pela verificação da obra.<sup>18</sup>

Em 1811, este artista terá sido ainda o responsável pela execução de uns adornos em bronze para as lareiras do Palácio dos Duques de Medina-Sidónia, cujo desenho fora previamente aprovado pelo encomendador, o barão de Derricau, governador militar da cidade de Sevilha, um dos oficiais do exército de francês que, desde Fevereiro de 1810, ocupava a capital andaluz<sup>19</sup>. A prática da arte de fundir o bronze, ainda que por parte de um reconhecido mestre do entalhe da madeira, não será de estranhar, tendo em conta as directivas oficiais que, desde finais do século XVIII, aconselhavam a execução de retábulos de pedraria, com ornamentos de bronze, em substituição dos exemplares de madeira entalhada e dourada.

#### 4. A VINDA PARA O ALGARVE E A ESTADIA EM TAVIRA

Não se conhecem as razões que terão levado o mestre Manuel Romero, e parte da sua família mais próxima, a instalar-se em Tavira, no princípio do século XIX, porém, a hipótese mais provável é que tenham sido motivos profissionais a trazê-lo para a cidade algarvia. É mesmo possível que a Ordem Terceira do Carmo de Tavira, a única instituição para a qual o entalhador sevilhano comprovadamente trabalhou, tenha sido a principal responsável pela sua vinda para a região.

Como já foi indicado, a mais antiga referência documental à presença do mestre sevilhano na região algarvia, mais precisamente em Tavira, é um recibo de pagamento, datado de 5 de Maio de 1815, escrito e assinado pelo próprio, no qual se dá conta das

<sup>17</sup> Jesus Palomero PARAMO; Francisco Ros GONZÁLEZ (prólogo e direcção), *op. cit.*, 1999, pp. 668 e 669.

<sup>18</sup> Francisco S. Ros GONZÁLEZ, *op. cit.*, 2001, pp. 123 a 126.

<sup>19</sup> Francisco Ollero LOBATO, *La ocupación francesa de Sevilla y la difusión del neoclasicismo: la decoración de la Casa de los Cavalieri*, Laboratorio de Arte, n. 15, Sevilha, 2002, p. 192.

despesas relativas à compostura do esquiife da igreja dos Terceiros carmelitas. Deste modo, e apesar de não ser possível determinar com maior exactidão a data da sua chegada a Tavira, esta terá necessariamente ocorrido entre Outubro de 1811, quando Romero executa os adornos de bronze para o palácio dos Medina-Sidónia, ainda em Sevilha, e Maio de 1815, quando o dito mestre assina o supramencionado recibo, já em Tavira.

Quando Manuel Romero chega à região algarvia a cultura estética dominante em Portugal era, à semelhança do que se passava no país vizinho, o neoclassicismo, muito timidamente introduzido no meio artístico nacional a partir de 1787, através do escultor Joaquim Machado de Castro (1731-1822) que, no seu *Discurso sobre as utilidades do Desenho*, dado à estampa nesse mesmo ano, vai assumir abertamente a predilecção pelo “gosto dos antigos gregos e romanos”<sup>20</sup>. Contudo, o novo estilo, desde logo designado como “ao moderno”, seria sobretudo adoptado nos sectores mais eruditos da sociedade. De facto, e particularmente no que respeita à talha, a maior parte da clientela continuaria a optar por soluções artísticas pouco inovadoras, de carácter tradicionalista e até mesmo revestidas de um certo espírito saudosista<sup>21</sup>.

O papel desempenhado pelas classes mais ilustradas na difusão do novo estilo é particularmente visível em algumas regiões periféricas, nomeadamente no Algarve, onde o bispo D. Francisco Gomes do Avelar (1739-1816) desempenharia um papel fundamental na difusão do novo formulário artístico, com o qual havia contactado, em primeira mão, durante uma estadia em Roma<sup>22</sup>. Durante o período em que esteve à frente da diocese algarvia, isto é, entre 1789 e 1816, o dito prelado procurou sempre manter um controle apertado sobre a produção artística regional, especialmente sobre os projectos directamente relacionados com o culto religioso, que fez submeter à prévia apreciação do arquitecto bolonhês Francisco Xavier Fabri (1761-1817), seu protegido, garantindo assim a correcta aplicação dos académicos valores estéticos neoclássicos, directamente filiados no neoclassicismo italiano.

Em Agosto de 1817, o entalhador Manuel Romero estaria já comprometido com a obra dos retábulos colaterais da igreja da Ordem Terceira do Carmo de Tavira, como sugerem os registos dos Terceiros carmelitas, que dão conta da quantia gasta, nessa data, com a compra de diversos materiais necessários à execução da referida obra, e com um primeiro pagamento ao dito mestre. Note-se, os registos da Ordem Terceira do Carmo sugerem que a execução destes dois retábulos colaterais terá implicado o prévio entaipamento das respectivas capelas. De facto, em Agosto de 1817, os Terceiros vão mandar tapar “a porta e altar” do Senhor dos Passos e, alguns meses mais tarde, em Junho de 1818, é também entaipado o altar de N.ª Sr.ª das Angústias<sup>23</sup>. Tudo indica que

<sup>20</sup> José Eduardo Horta CORREIA, *O significado do mecenato do bispo D. Francisco Gomes do Avelar*, Anais do Município de Faro, n. XXVI, Faro, 1996, p. 89.

<sup>21</sup> Francisco LAMEIRA, *O retábulo em Portugal – das origens ao declínio*, Faro, 2005, p. 110.

<sup>22</sup> José Eduardo Horta CORREIA, *op. cit.*, 1996, p. 90.

<sup>23</sup> Marco Sousa SANTOS, *op. cit.*, 2009, p. 26.



a necessidade de entaipar as capelas terá sido determinada pelo projecto delineado por Romero, que previa a execução de um retábulo de planta praticamente plana, mas com um nicho central particularmente profundo.

A obra de execução dos retábulos colaterais ter-se-á prolongado, pelo menos, até ao início de 1821, altura em que os livros de despesas da Ordem Terceira dão conta da compra dos “pregos para pregar o remate dos altares”<sup>24</sup>. No entanto, note-se, apesar de estruturalmente concluídos no início da década de 20, os dois retábulos colaterais, de madeira entalhada, só seriam pintados e marmoreados algumas décadas depois, mais precisamente em 1849, pelo Irmão António José Guimarães<sup>25</sup>.

Valerá a pena sublinhar que, no que diz respeito à composição, são evidentes as semelhanças formais que se podem estabelecer entre os retábulos colaterais da igreja dos Terceiros carmelitas de Tavira e o retábulo executado por Manuel Romero para a capela-mor da igreja de São Bartolomeu de Sevilha, em 1795. De facto, salvaguardadas as diferenças de escala, e o facto de, no caso sevilhano, estarmos perante um retábulo destinado à capela-mor, em ambas as situações se verifica o recurso a um tipo de planta praticamente plana, a utilização de dois pares de colunas lisas, mas com o terço inferior diferenciado, e decorado com caneluras, assentes sobre pedestais, e fastígio rectangular, ladeado por urnas funerárias, no ático.

Para além de Manuel Romero, o mestre responsável pelo projecto dos retábulos colaterais da igreja dos Terceiros carmelitas de Tavira, é muito provável que também o oficial de entalhador António Maria Thoríbio, um dos filhos do mestre sevilhano, cuja presença na cidade algarvia, no início da década de 20, está documentalmente comprovada<sup>26</sup>, possa ter colaborado na dita obra. Para além disso, também outro filho de Manuel Romero, de nome José Romero, identificado como “assistente” na freguesia de Santa Maria de Tavira, no ano de 1821,<sup>27</sup> poderá ter integrado a equipa de trabalho,

<sup>24</sup> AOTCT, *Livro da receita e despesa da Ordem III de N.ª Sr.ª do Carmo de Tavira* (1816-1822), fôlio 18.

<sup>25</sup> Marco Sousa SANTOS, *op. cit.*, 2009, p. 29.

<sup>26</sup> Note-se que, na sequência do seu casamento com uma jovem tavirense, ocorrido em 1820, António Maria Thoríbio, por vezes também identificado como António Maria Romero, ou Romera, ter-se-á fixado definitivamente em Tavira, já que é nesta cidade algarvia que, nos anos que se seguem, são baptizados os seus filhos, netos paternos de Manuel Romero. Registem-se, a este respeito, os baptismos, em Santa Maria de Tavira, de Manuel, o primogénito, logo em 1821, sendo padrinho o tio paterno, José Romero, na altura referido como assistente na cidade de Tavira (Cf. ANTT, *Livro de registo de baptismos da freguesia de Santa Maria de Tavira (1818-1822)*, fôlio 173), de António, em 1823, de Alberto, em 1826 (Cf. ANTT, *Livro de registo de baptismos da freguesia de Santa Maria de Tavira (1822-1827)*, fls. 41v e 207v), de José, em 1829 (Cf. ANTT, *Livro de registo de baptismos da freguesia de Santa Maria de Tavira (1827-1832)*, fôlio 99v), de Felipa, em 1834, de Joaquim, em 1836, de Tibúrcio, em 1839 (Cf. ANTT, *Livro de registo de baptismos da freguesia de Santa Maria de Tavira (1832-)*, fls. 62, 147v, 148, 235v e 236), e de Godofredo, em 1841 (Cf. ANTT, *Livro de registo de baptismos da freguesia de Santa Maria de Tavira (1839-1846)*, fôlio 65v)

<sup>27</sup> Cf. ANTT, *Livro de registo de baptismos da freguesia de Santa Maria de Tavira (1818-1822)*, fôlio 173.



apesar de, ao contrário do que sucede com o seu irmão António Maria, não existirem quaisquer indícios documentais que permitem associar esse indivíduo à prática da arte do entalhe da madeira.

Como já foi referido, tudo indica que, durante a sua estadia em Tavira, Manuel Romero trabalhou exclusivamente para a Ordem Terceira do Carmo, executando dois retábulos colaterais e levando a cabo outras obras de menor dimensão na sua igreja privada. Contudo, e apesar de não se conhecerem documentos que o comprovem, parece admissível que o mestre sevilhano possa ter executado também o cadeiral e o arco da capela-mor da igreja dos Terceiros carmelitas, obras de autoria desconhecida, concluídas antes de Julho de 1813<sup>28</sup>, que apresentam elementos de talha dourada, formalmente bastante semelhantes aos utilizados nos mencionados retábulos colaterais. De facto, essa circunstância explicaria a presença do mestre Romero em Tavira logo em 1815, apesar de só ter começado a obra dos ditos retábulos em 1817. Para além disso, em termos profissionais, só a garantia de uma grande obra terá justificado a opção de abandonar a capital andaluza e estabelecer-se num centro artístico periférico como era o Algarve.

De algum modo, os retábulos colaterais da igreja da Ordem Terceira do Carmo de Tavira acabariam por constituir o último fôlego da arte do entalhe na região algarvia. De facto, a curto prazo, a utilização do formulário neoclássico, que reduzia ao mínimo o uso de elementos em madeira entalhada, associada a uma conjuntura socioeconómica bastante desfavorável, acabaria por provocar a decadência do ofício de entalhador. Mais do que obras de entalhe, os poucos retábulos que se executam daí em diante serão peças de carpintaria. Apesar de não se saber ao certo de que modo esta transformação conjuntural terá afectado o mestre Manuel Romero (que provavelmente viveu o resto dos seus dias em Tavira), a desvalorização profissional do ofício de entalhador é visível no percurso do seu filho, António Maria Romero, que se estabelecerá na cidade algarvia e que, em 1820, é ainda identificado como “*oficial de entalhador*”, mas que a documentação posterior vai classificar como “*oficial de carpinteiro*”<sup>29</sup> e, finalmente, apenas como “*carpinteiro*”<sup>30</sup>.

## CONCLUSÃO

O mestre Manuel Romero, responsável por algumas obras de entalhe na cidade de Tavira, nas primeiras décadas do século XIX, entra as quais se poderá destacar a

<sup>28</sup> Por escritura notarial, datada de 17 de Julho de 1813, os Terceiros carmelitas de Tavira ajustam com o mestre pintor José Ferreira da Rocha a “*obra do dourado e pintura do arco da capela-mor da igreja da dita Ordem, e as cadeiras da Mesa dentro da mesma capela*” (Cf. ADF (ARQUIVO DISTRITAL DE FARO), Cartório Notarial de Tavira, cota 8-6-455, fôlios 6v e 7. Francisco LAMEIRA, *op. cit.*, 2000, p. 297).

<sup>29</sup> ANTT, *Livro de registo de baptismos da freguesia de Santa Maria de Tavira (1827-1832)*, fôlio 99v.

<sup>30</sup> ANTT, *Livro de registo de baptismos da freguesia de Santa Maria de Tavira (1832-1839)*, fls. 147v e 148.

execução dos dois retábulos colaterais da igreja da Ordem Terceira do Carmo, era na realidade um entalhador andaluz, natural da cidade de Sevilha, com obra conhecida e documentada e, para além disso, com estreitas ligações familiares aos Acosta, por ser casado com uma neta do célebre mestre Caetano Alberto de Acosta. Consequentemente, as características formais da sua obra, durante muito tempo descritas como invulgares dentro do universo da talha produzida no Algarve, representavam afinal uma original interpretação do formulário neoclássico, filiada nos modelos utilizados pelos mestres andaluzes.

Ou seja, tardiamente, e de um modo bastante localizado, como consequência da actividade desenvolvida por um mestre forasteiro, a talha neoclássica executada na região algarvia acabou por receber influências da vizinha região da Andaluzia. De facto, apesar de a esmagadora maioria dos retábulos executados no Algarve durante o período em causa resultar da aplicação dos princípios do neoclassicismo italiano, directamente promovida pelo bispo D. Francisco Gomes do Avelar e sempre supervisionada pelo seu arquitecto particular, o bolonhês Francisco Xavier Fabri, tudo indica que após a morte do dito prelado, ocorrida em 1816, o controle exercido sobre a produção artística terá diminuído significativamente, permitindo à retabulística regional experimentar novas soluções e sensibilidades.

## APÊNDICE DOCUMENTAL

### **Doc. 1 - Recibo da quantia gasta com o concerto do esquiife.**

*AOTCT, Fundo de folhas avulsas, 1815.*

*“Importo la Compostura del Esquiife*

*de Pregos.....180*

*traballo.....400*

*580*

*Tabira - 5 - de Mayo de 1815*

*Manuel Romero”*

### **Doc. 2 - Assento de casamento de António Maria Thoríbio**

*IAN/TT, Livro de registo de casamentos da freguesia de Santa Maria de Tavira (1819-1827), fôlio 13.*

*“Aos vinte dois dias do mês de Junho de mil oitocentos e vinte, nesta Igreja Matriz de Santa Maria, na minha presença e das testemunhas abaixo assinadas, João da Costa Pires e João do Carmo, ambos casados, e moradores nesta Cidade e freguesia de Santa Maria, se receberam por palavras de presente, na forma determinada pelo Concílio de Trento e Constituições deste Bispado, António Maria Thoríbio, solteiro, oficial de entalhador, baptizado na paróquia de São Vicente da Cidade de Sevilha, filho de Manuel Romero e Cirila Serápia da Costa = neto de Manuel Romero e Maria Rosa, ambos baptizados na referida freguesia de São Vicente, e materno de Francisco da Costa e Felipa de Cáceres, ambos da freguesia de São Martins = com Maria da Conceição, solteira, baptizada nesta Matriz de Santa Maria, filha de António Ignácio e Rita da Conceição, neta paterna de Ignácio de Jesus e Ana do Carmo, ambos desta freguesia, e materna de Domingos Fernandes, da freguesia de São Tiago, e Maria da Conceição, desta*

*freguesia = Em observância do mandado que me foi apresentado do Ilustríssimo Governador deste Bispado, e Provisor no mesmo, que fica registado a folhas 8 verso: Em fé do que fiz este termo, e comigo assinaram as testemunhas ditas, no mesmo dia, mês e era ut supra.*

*O Ben.<sup>do</sup> Curado José Bern.do Vizetto*

*João da Costa Pires*

*João do Carmo”*

### **Doc. 3 - Assento de baptismo de Manuel**

*IAN/TT, Livro de registo de baptismos da freguesia de Santa Maria de Tavira (1818-1822), fôlio 173.*

“Aos vinte dias do mês de Maio de mil oitocentos e vinte e um, nesta Matriz de Santa Maria da Cidade de Tavira, baptizei e pus os Santos Óleos a Manuel, primeiro do nome, que nasceu a treze do dito mês, do primeiro Matrimónio de ambos os consortes, filho de António Maria Romera, oficial de carpinteiro, baptizado na freguesia de São Vicente da Cidade de Sevilha, e de Maria da Conceição, baptizada nesta Matriz: neto paterno de Manuel Romera e de Serápia da Costa, baptizados na freguesia de São Martinho da Cidade de Sevilha: neto materno de António Ignácio e de Rita da Conceição, baptizados nesta Matriz. Padrinho José Romera, solteiro, filho dos ditos avós paternos, assistente nesta Cidade e freguesia; e madrinha Januária Antónia, solteira, filha de pais incógnitos, assistente nesta Cidade e freguesia. Em fé do que fiz este termo, que assinei, dia, mês e ano ut supra.

*R.<sup>do</sup> D.<sup>or</sup> Hermógenes António da Conceição Ribeiro”*

### **Doc. 4 - Assento de baptismo de Godofredo**

*IAN/TT, Livro de registo de baptismos da freguesia de Santa Maria de Tavira (1839-1846), fôlio 65v.*

“*Godofredo, primeiro do nome e do primeiro matrimónio de António Maria Romero, baptizado na freguesia de São Vicente da Cidade de Sevilha, e Maria da Conceição, baptizada nesta Matriz, neto paterno de Manuel Romero e Serápia da Costa, baptizados na mesma freguesia de Sevilha, e materno de António Ignácio e Rita da Conceição, baptizados nesta Matriz, nasceu aos seis e foi baptizado aos vinte e um de Dezembro de mil oitocentos e quarenta e um, por mim, que lhe pus os Santos Óleos, sendo padrinho Joaquim Eduardo Manso, solteiro, e tocou Joaquim de Santa Ana Fonseca, desta freguesia, e aquele da de Santiago.*

*Prior Fran.<sup>co</sup> de Paula X.<sup>er</sup> Lacerda”.*

Fecha de recepción: 30 de septiembre de 2012

Fecha de aceptación: 18 de noviembre de 2012



Figura 1. Retábulo colateral (Evangelho) de Nossa Senhora das Angústias, na igreja da Ordem Terceira do Carmo de Tavira. (Foto do autor).



Figura 2. Retábulo colateral (Epístola) do Senhor dos Passos, na igreja da Ordem Terceira do Carmo de Tavira. (Foto do autor).

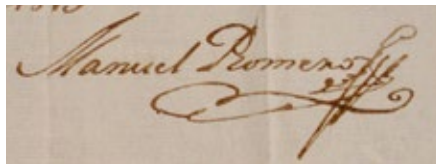
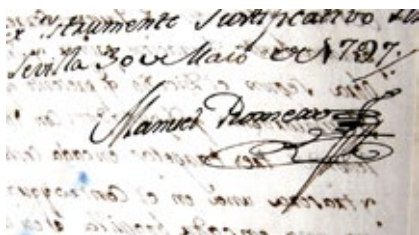


Figura 3. Assinatura de Manuel Romero no ajuste da obra de execução de uma urna para a Irmandade de Nuestra Señora de Regla, sita na igreja de Santa Luzia de Sevilla, 1797. (*Arquivo Histórico Provincial de Sevilla, secção de Protocolos Notariais, leg. 1907, ano de 1797, fls. 268 e 268v*).

Figura 4. Assinatura de Manuel Romero no recibo das obras levadas a cabo no esquite da igreja da Ordem Terceira do Carmo de Tavira, 1815. (*Arquivo da Ordem Terceira do Carmo de Tavira, Fundo de folhas avulsas*).



Fig. 5. Aspecto geral do arco da capela-mor da igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Tavira. (*Foto do autor*).